



O PINGADO CINECLUBE COMO EXIBIDOR AUDIOVISUAL:

uma experiência de educação coletiva

Alice Alfinito¹



INTRODUÇÃO

O Pingado Cineclube foi um exibidor de curta metragem brasileiros que tinha como objetivo estudar as possibilidades de linguagens audiovisuais contemporâneas. Realizado por um grupo jovens que percebeu o hiato entre a imensa produção de curtas-metragens, ou seja, filmes com duração de até 20 minutos e realizados com baixo orçamento, e sua escassa possibilidade de exibição. O projeto tinha como público alvo realizadores interessados em trocar experiências e práticas através do cinema.

Abrir uma janela de exibição possível para a enxurrada de curtas-metragens produzidos todos os anos em escolas de cinema, universidades e por profissionais da área, muda o modo como a cidade do Rio de Janeiro, local em que o Pingado existiu, se relaciona com o cinema para além das grandes produções. A possibilidade de completar o ciclo da produção cinematográfica através da exibição do filme é fundamental para que ele tenha reconhecimento.

As possibilidades geradas pelo desenvolvimento tecnológico responsável pelo barateamento dos equipamentos e a possibilidade de difusão


1 Alice Alfinito é formada em Artes Visuais pela UERJ e em Roteiro pela Escola de Cinema Darcy Ribeiro, é especialista em Ensino da Arte (EAV /UERJ) e em História da Arte e da Arquitetura no Brasil (PUC-Rio). Foi diretora do Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica, seu especial interesse são as disputas de poder entre jovens artistas e instituições culturais, além de gestão pública. E-mail:alicealfinito.cultura@gmail.com



de conteúdo pela internet fizeram com que a produção audiovisual crescesse independentemente de financiamentos públicos ou privados. Com isso, não está sendo justificada uma produção sem investimentos e muito menos a falta de remuneração dos profissionais envolvidos, mas considera-se aqui refletir sobre a importância dos filmes produzidos fora do ambiente profissional da indústria do cinema.

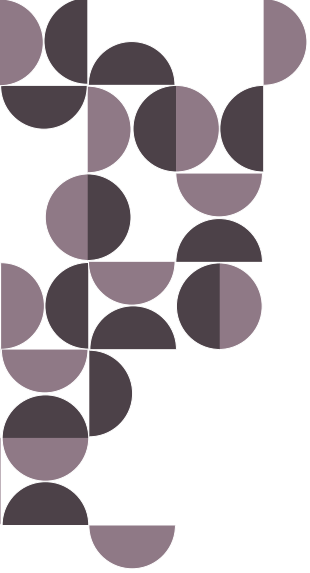
Existem poucas possibilidades de escoamento da produção de curtas de baixo orçamento. Destacam-se, para isto, principalmente: as mostras e os festivais, importantes meios de exibição que nem sempre conseguem alcançar o grande público; a internet, enquanto difusor de conteúdo que restringe a exibição ao meio caseiro; por fim, os cineclubes, atuando através de uma rede de criadores que realizam espaços-tempos de convivência, o que proporciona um intenso intercâmbio de experiências e novas ideias que caracterizam um território identitário (SILVA, 2012, p. 12). O presente trabalho pretende relatar a experiência do Pingado Cineclube, que optou por exibir sessões temáticas de curtas-metragens durante seus dois anos de existência.

DESINSTITUCIONALIZAR O OLHAR



Ao longo da realização de dezessete sessões e da exibição de mais de noventa filmes, o projeto passou por transformações significativas. O ponto principal de tensão estava relacionado à sobrecarga enfrentada pelos integrantes devido ao fato de terem sido discutidas e buscadas formas possíveis de financiamento ao mesmo tempo em que o Pingado estava em atuação. No ano mais intenso de trabalho, 2016, o projeto chegou a exigir dos integrantes todos os sábados, além de um domingo por mês. Apenas a certeza de desenvolver um espaço de resistência para a intensa produção de curtas-metragens foi capaz de motivar os integrantes a produzirem o projeto em seu tempo de descanso.

Muitos foram os desafios enfrentados nesse período por um grupo de amigos que aprendeu a trabalhar coletivamente e adquiriu, com o próprio Cineclube, o hábito de assistir curtas-metragens para determinar quais filmes e em que ordem seriam exibidos. Esse processo de curadoria



foi fundamental para que a equipe repensasse, naquele contexto, o papel social do Cineclube e possibilitou a tomada de consciência da responsabilidade de ser um exibidor. A cada reunião foram reforçados os parâmetros para se escolher um filme em detrimento de outro.

Diversos tópicos passaram a ser objeto de discussão dos jovens curadores, como a qualidade técnica e de conteúdo dos filmes ou o modo como os realizadores se utilizaram da linguagem cinematográfica. A responsabilidade de optar por uma colagem de curtas-metragens capaz de abrir possibilidades de debate sobre um tema específico fez com que o Pingado Cineclube analisasse mais profundamente o circuito cinematográfico exibidor do país e identificasse que a produção nacional de longas-metragens tem crescido em uma medida desproporcional ao crescimento do número de espaços propícios a exibição das produções.

Diferentemente de uma empresa exibidora que define os filmes exibidos em suas salas de cinema baseada exclusivamente na renda de bilheteria e no lucro de cada sessão, um cineclube tem a preocupação de debater o que foi assistido. O Pingado aprendeu a mediar os debates após as sessões, tornando-se um ambiente informal de troca entre realizadores convidados e público, justamente por ter percorrido o importante processo de aprender e desaprender (FRESQUET, 2007).

Percebeu-se a potência em contribuir para a completude do ciclo de vida de muitos filmes que tinham sido pouco ou nunca exibidos e em proporcionar encontros produtivos para todas as partes envolvidas a cada sessão. Esses encontros foram capazes de acalantar as angústias causadas no público que costumava frequentar o Pingado pelas questões urgentes de um momento histórico difícil de ser compreendido. Ao mesmo tempo em que, juntos, todos os membros do projeto perceberam o desenvolvimento, em cada um deles, de uma sensibilidade estética que unia política e arte. Por ironia, essa mesma habilidade responsável pelo amadurecimento artístico dos integrantes do Pingado foi também a contribuição mais significativa para a descontinuidade do projeto, já que as definições de “ser político” não seguiam o mesmo critério para todos

O Pingado teve sua atuação entre 2014 e 2016, todavia, sua origem começa em 2012, quando alunos da Oi Kabum! – Escola de Arte e Tecnologia, mais tarde integrantes do cineclube, se reuniam fora do horário das




aulas para assistir a séries, clipes, vídeos de *YouTube* e outros formatos audiovisuais. Apesar de a direção apoiar os estudos “extraclasse”, essa era uma atividade fora dos parâmetros da Escola, pois referências externas eram bem-vindas, contanto que tivessem o *status* de “boa obra”.

Dentro da Oi Kabum! – Escola de Arte e Tecnologia o curta era visto como um mero exercício de conclusão do curso de Vídeo, em que a atenção estava em sua produção e finalização. A partir daí, a formação básica do aluno estava concluída, independentemente do destino que o trabalho tomasse. Em geral, se tornava apenas um registro dentro da própria instituição. A Escola estimulava inscrições em mostras e festivais, mas a exibição não era considerada um desdobramento fundamental para a vida útil do curta. Ainda que sem a consciência de estarem expandindo o entendimento da própria instituição sobre o assunto, os mesmos alunos que produziram seus primeiros curtas criavam também um espaço de exibição pequeno e interno, mas suficiente para chamar a atenção da Escola.

Em 2014, a organização pedagógica das aulas foi reformulada para a próxima turma. Além das aulas regulares, disciplinas eletivas foram criadas baseadas na orientação dos alunos da turma anterior e, dentre elas, o cineclube. No início, nem a Escola nem os egressos e futuros membros do Pingado que passaram a ministrar a disciplina entendiam bem o que era “dar aula de cineclube”. Seria ver filmes? O grupo composto de alunos que escolheram a eletiva e egressos que ministravam aulas pela primeira vez optou por produzir um cineclube, mas que filmes eram esses que seriam vistos?

A escolha pelo curta metragem brasileiro, principalmente de produção com baixo orçamento, teve um motivo: era importante ocupar o Teatro Oi Futuro para valorizar a produção que era feita dentro da Oi Kabum! – Escola de Arte e Tecnologia, mas não só: era importante também que essas produções se relacionassem com outros filmes que apresentassem dificuldades semelhantes de completar seu ciclo de realização e serem vistos.

Com a formatura da turma do ano de 2014 e devido à crise financeira da Escola, as disciplinas eletivas foram canceladas, inclusive o cineclube. O Pingado ficou parado até a metade do ano seguinte quando alguns integrantes o inscreveram para exibir conteúdos da Mostra do Filme Livre

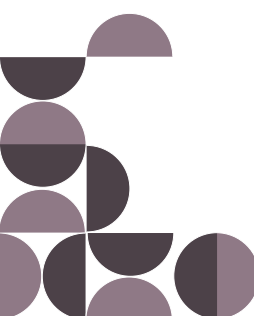


– MFL, em 2015. Nesse momento, o grupo se reestruturou. A maior parte dos alunos da disciplina não estava mais ligada ao projeto, outros amigos haviam se aproximado e assim formou-se um grupo coeso de oito componentes que passou a investir tempo livre e recursos próprios para produzir o projeto.

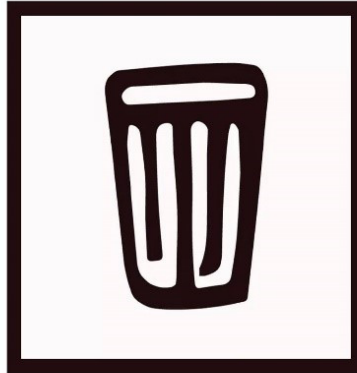
Foi fora da sala de cinema e iniciando um circuito pela cidade que a relação filme – espaço – público se consolidou. O Pingado conquistou um pequeno público cativo, principalmente entre alunos e ex-alunos da Oi Kabum! – Escola de Arte e Tecnologia e da Escola de Cinema Darcy Ribeiro. Um marco deste período da história do Cineclube foi a promoção de trocas que só foram possíveis em espaços livres, como o Bar da Bambina, em Botafogo, no Castelinho do Flamengo e, posteriormente, no Memorial Municipal Getúlio Vargas - MMGV.

Em 2016, o Pingado foi contemplado pelo edital Viva Talento! Criado pela Secretaria Municipal de Cultura do Rio de Janeiro e convidado a ocupar o Memorial Municipal Getúlio Vargas, na Glória, onde era necessário lidar em um espaço público, sem público cativo e com uma programação reduzida. A maior dificuldade encontrada na ocasião foi a realização das oito sessões inscritas no edital, pois a verba era repassada para o Pingado ao final das atividades e ainda havia a necessidade de investimentos em divulgação. Ali foram realizadas as sessões: “Marginal”, “Minas”, “Mostra do Filme Livre 2016”, “Janelas”, “Terror Nenhum - Desobediência Civil”, “Décima Sexta”, “Décima Sétima” e “Vídeo Viral”.

Para a temporada no MMGV, era necessário também aprimorar o acesso do Cineclube aos curtas-metragens. Era importante recebê-los ao invés de procurá-los. Para isso, uma postagem na página do facebook do projeto requisitou aos realizadores que mandassem seus filmes. A única restrição para as obras era a ter duração de até vinte minutos. Com uma única postagem patrocinada, foram recebidos oitenta e três filmes dos mais diversos gêneros, tais como teaser de web série, projetos de conclusão de curso, curtas de diretores renomados, videoartes, experimentos dos mais diversos, ficções boas e ruins, além de documentários com as mais diversas linguagens cinematográficas.



EI CINEASTA!



**TEM ALGUM FILME
PRODUZIDO POR VOCÊ E SUA EQUIPE
MAS NÃO TEM ONDE EXIBIR?**


**ENTRE EM CONTATO CONOSCO,
TEMOS UM LUGAR PRO SEU FILME.**

PINGADOCINECLUBE@GMAIL.COM
FACEBOOK.COM/PINGADOCINECLUBE

Cartaz da campanha Mande seu Filme

Assim, criou-se um banco de dados que serviu como base para a construção da curadoria das sessões. Curtas-metragens assistidos em mostras, festivais ou mesmo realizados por amigos entraram no “bloco de curtas” das sessões.

A curadoria também foi fundamental para que, ao longo de dois anos, o Pingado formasse novas parcerias. Entre elas, é importante destacar: a Mostra do Filme Livre, importante mostra de curtas independentes já há quinze anos na programação do CCBB; o Grupo Pensar, que levou sua turma de audiovisual de crianças do Complexo do Alemão para assistir a filmes pela primeira vez na tela de cinema; e o cursinho pré-vestibular Prepara Nem, que capacita pessoas transexuais para o vestibular. Ter percorrido tantos espaços junto com pessoas e parceiros próximos tornou possível para o Pingado fomentar uma relação com o público de forma mais direta e descontraída em ambientes fora das salas de cinema. A for-




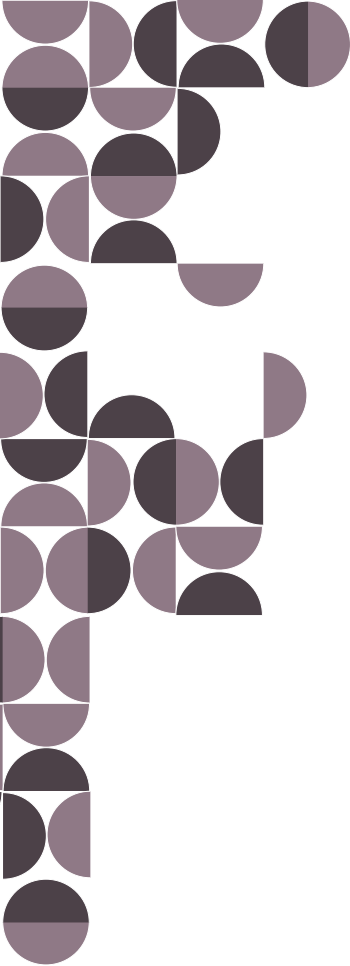
malidade de poltronas e da tela grande dificultavam uma troca relaxada e, ao mesmo tempo, impunham uma relação hierarquizada de conhecimento. Quanto mais livre era os espaços de exibição, incluindo aqui a forma como o Pingado apresentava esses espaços para o público, mais trocas se tornaram possíveis entre os realizadores e o público.

Assim, percebeu-se que exibir curta-metragens que difundissem a linguagem atual desse formato se consolidava como a grande potência do Pingado. Isso ficou claro na medida em que o grupo se afastava das relações institucionalizadas e hierarquizadas dentro da própria estrutura do Cineclube.

CURADORIA E A POLÍTICA DO AFETO

Mas como escolher quais curtas-metragens seriam exibidos no Pingado Cineclube? Talvez a melhor resposta seja a metáfora de um quebra-cabeça feito de imagens em movimento. Uma experiência que só era possível praticar em grupo, pois o repertório de referências estéticas de cada um tornava possível encaixar as peças desse jogo. As centrais, aquelas mais fáceis de se identificar pelo desenho, eram os filmes que chegaram pela campanha “mande seu filme”. Os filmes interessantes entravam para a sessão em processo de montagem ou ficavam “guardados” para uma próxima.

As outras peças, aquelas em que seria necessário experimentar o encaixe mais de uma vez, vinham da indicação dos integrantes. Filmes que foram vistos em festivais e mostras, principalmente na MFL, ou, ainda, curtas assistidos nas referências exibidas Oi Kabum! Escola de Arte e Tecnologia, na Escola de Cinema Darcy Ribeiro e na Academia Internacional de Cinema, instituições em que alguns integrantes do grupo tiveram suas formações. Essa troca de saberes e experiências foi responsável pela ampliação de repertório entre os integrantes. Podemos dizer que para os oito integrantes que montavam o quebra-cabeça das sessões, o Pingado teve papel importante na construção de formação estética audiovisual.



Entretanto, o intercâmbio se amplia ainda mais quando se considera também o público do Cineclube. Durante as oito sessões exibidas no MMGV, em 2016, o Pingado atingiu um público de duzentas e oito pessoas, uma média de vinte e cinco pessoas por sessão. À primeira vista, este pode ser considerado um número pequeno. Entretanto, é importante considerar que as sessões eram aos domingos, dia difícil de atrair as pessoas para um lugar de passagem que, mesmo sendo um centro cultural, ainda não tem seu próprio público.

Portanto, cada “quebra-cabeça” alcançava em média vinte e cinco pessoas. Estão sendo incluídos nesta contagem novamente os próprios membros do Pingado, pois, ao assistir novamente aos curtas junto com o público, novas inquietações acerca do tema da sessão vinham à tona, outras possibilidades. Rever as sessões na ordem determinada anteriormente nos encontros, juntamente com as reações do público, era também uma maneira de reconsiderar o jogo. Às vezes, as arestas ficavam visíveis, a ordem não parecia adequada, ou então, todo o quebra-cabeça parecia bem medíocre. Isso dependia basicamente do grau de envolvimento do integrante com a sessão em questão e quase todos os integrantes tiveram seu momento de afastamento. Assim, a curadoria lidava constantemente com “desfalques” e um integrante a menos significava uma possibilidade a menos de troca.


Mas para o público, principalmente para aqueles que frequentaram mais de uma sessão, a curadoria era vista como:

[...] uma janela de exibição de filmes independentes que só podem ser vistos pelo público através de iniciativas como essa. Os filmes que passam na TV aberta e nas grandes salas de cinema possuem um formato específico (imagens em alta definição, narrativa clássica, longa-metragem). (E3P) (SANCIER, Paula. Frequentadora do Pingado Cineclube - Entrevista concedida a Alice A. Felipe. Rio de Janeiro, 7 jul. 2017




Como também:

O Pingado é uma iniciativa de formação de plateia, uma educação audiovisual no sentido de levar curtas que geralmente não seriam exibidos para uma tela grande, para um espaço institucional. Isso foi bem importante, pois o Pingado se apropriou da legitimidade cultural, tanto do Castelinho do Flamengo quanto do Memorial Getúlio Vargas. (E4B) (MORAES, Bárbara. Frequentadora do Pingado Cineclube - Entrevista concedida a Alice A. Felipe. Rio de Janeiro, 7 jul. 2017



Para manter esta janela de exibição de fato independente, era fundamental aprender com cada sessão exibida considerando as impressões do público. Notou-se que a figura do especialista sobre o tema da sessão inibia uma troca real entre público e realizador, já que a fala se concentrava na figura do detentor de saber. Isso aconteceu no início, quando as sessões tinham forte referências temáticas como: território, loucura e infância e o debate se aproximava muito de uma palestra. O papel do especialista foi abolido e se percebeu que já não era necessário delimitar um recorte sobre o tema de cada sessão previamente - o interessante era perceber o processo de construção desse recorde no debate. Assim, as sessões LGBTT, "Sci-Fi", "Mostra do Filme Livre", filmes feitos por mulheres e desobediência civil, por exemplo, tiveram debates relevantes e menos intenção da curadoria em determinar uma temática a ser discutida.





Durante o processo de curadoria foi identificado que, ao definir um tema específico para cada sessão, o conteúdo de um curta-metragem era considerado muitas vezes descolado de sua linguagem cinematográfica. Com essa percepção, curadorias mais livres foram testadas. Os próprios filmes criavam linhas narrativas que puxavam outros curtas. A partir dessa forma de se compreender a curadoria, temas mais subjetivos como "memória", "curtas Lado B", "linguagens possíveis" e "vídeo viral" surgiram e, com eles, a compreensão de que as temáticas mais livres forçavam, consequentemente, um debate em torno da linguagem cinematográfica e de uma crítica às formas de exibição atuais.


Para Adriana Fresquet (2007), é tão importante a disposição para aprender quanto a determinação em desaprender. Se a aprendizagem requer experiências sociais fundamentalmente afetivas, o desaprender vai além - não significa aprender coisas opostas sobre o mesmo tema ou uma tentativa de “apagar” uma aprendizagem anterior, mas, fundamentalmente, perceber sua marca e daí gerar a necessidade de novas reaprendizagens. A cada nova curadoria, o grupo reaprendia a realizar um cineclube: era dos filmes, como eles se organizavam e o que representavam, que dependia todo o resto, compreendido pela produção, pelo debate, pelos convidados e o próprio público.

Foi na prática, encontro após encontro, que essas percepções de curadoria aconteceram. Não houve linearidade nesse processo: às vezes surgia a necessidade de se eleger um tema, como por exemplo, a sessão “Desobediência civil”, que surgiu após o Plenário da Câmara dos Deputados aprovar o processo de *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff. Naquele momento, era impossível falar de qualquer outra coisa, senão caminhos possíveis de se estar politicamente no mundo. Em outros momentos, os próprios filmes se aproximavam espontaneamente, e a única coisa que a curadoria precisava fazer era respeitar esse processo. Foi necessário muito desaprender para que filmes antes considerados ruins fossem analisados para além da qualidade do equipamento utilizado e das habilidades técnicas do realizador. O processo, às vezes cansativo de curadoria foi responsável por redefinir a sensibilidade estética dos integrantes.

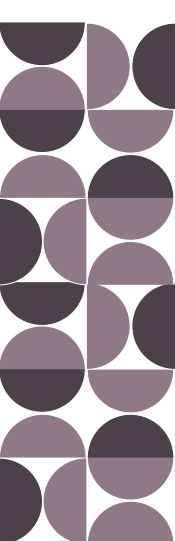
[Eram] curtas muito diversos, muita coisa louca, tudo ao mesmo tempo. De um curta tecnicamente bem feito, mas que passa uma mensagem super machista de a gente se perguntar: mas a gente vai passar isso? E se ele for exibido junto com outros quatro curtas que tão diretamente criticando ele? Qual o lugar que a gente tá mexendo [para] pensar [n]uma curadoria de sessão, pensar num debate, numa conversa para além do tema do filme, mas pensar no que ele desperta. Que tipo de discussão ele pode levantar que seja rico para a gente. (JANOT, 2017)



Os filmes assistidos eram diversos: experimentais, produzidos para avaliações de conclusão de cursos, realizados a partir de novas mídias, filmes registros, ficções em narrativas clássicas ou dela fugiam, e ainda aqueles que não se enquadram em nenhuma definição. Havia filmes caseiros, pouco ou nunca vistos para além da equipe que os filmou, feitos nas Escolas de cinema, entre amigos, sem recursos sem e ausentes da pressão metodológica gerada pelo condicionamento às inscrições em festivais. Como Ikeyda notou num esforço de categorização, eram filmes “de garagem”:





Com o termo, queremos apontar para outros modos de produção, para além do cinema industrial. Com a acessibilidade das novas tecnologias digitais, é possível, com uma câmera portátil e com *software* de edição, fazer e montar filmes em nossas próprias casas, nas nossas próprias garagens... esse termo também problematiza as fronteiras entre o “amador” e o “profissional”, que cada vez mais estão borradas. Essas diferenças não estão tão propriamente marcadas no campo da técnica (a tecnologia está cada vez mais acessível), mas sobretudo por uma postura ética do artista, que volta sua produção essencialmente não para o mercado (para o reconhecimento artístico ou para a renda da bilheteria), mas sim para a vocação da expressão mais propriamente pessoal. (IKEYDA, 2014, p. 12)




O Pingado recebeu incentivos de realizadores que puderam exibir seus filmes mais de uma vez. Uma vez a mais é muito para quem tem restritas possibilidades de mostrar o seu trabalho. Cada curta exibido expandiu as possibilidades de seu realizador, alguns exibidos pela primeira vez foram reeditados, como no curta “Homero”, realizado por um grupo de alunos do Parque Lage que identificou a necessidade de trocar a ordem de uma das cenas após perceber a reação do público.

Exibimos ainda, por exemplo, “Quarto Branco”, que retrata um homem e uma mulher presos em seus estereótipos de gênero. Dirigido por João Lucas Pedrosa, que tinha apenas dezoito anos quando realizou o filme, o curta utiliza muito bem a montagem e o cenário para criar uma narrativa potente sem grandes recursos. Pedrosa foi um dos convidados que mais se entusiasmou com o Cineclube, retornando diversas vezes.



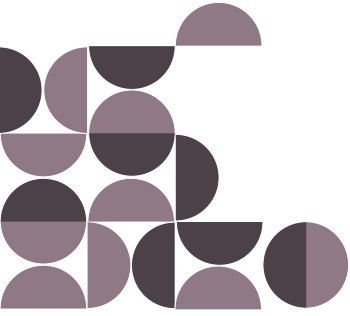
Outro grande filme exibido foi o “Início do Meio”, um documentário com uma montagem incrível e cenas muito bem gravadas, realizado por Manu Campos enquanto esta trabalhava no Jogos Mundiais dos Povos Indígenas. Era a primeira exibição de seu filme e a diretora saiu da sessão com a certeza de que tinha produzido um bom filme devido aos elogios do público.

Outro curta importante foi “Entretempo”, que recolhe do YouTube vídeos com simulação gráfica de empreiteiras participantes da licitação para desenvolvimento da região do porto, no centro da cidade do Rio de Janeiro, e sobrepõe áudio com canto de mulheres lavadeiras. O diretor Yuri Firmeza não pôde estar presente, mas conseguiu transformar seu curta em referência de videoarte para muitos dos presentes.



Mesmo sem qualidade técnica, “Quilombo Sacupã”, de Diogo Yabeta é um registro fundamental da resistência quilombola na atualidade, assim como “Ameaçados”, de Julia Mariano, que retrata a luta e a morte de agricultores no sul do Pará que desafiam os grileiros pelo direito à terra. O filme de Julia Mariano serviu de referência para a pesquisa sobre trabalho escravo no Brasil para um estudante de história que assistiu à sessão.

Os realizadores, sempre interessados em participar das sessões, foram de fundamental importância para o Pingado. A troca entre realizadores e fazedores do audiovisual, basicamente a maior parte do público - incluindo aqui os próprios integrantes do Cineclube - trouxe um espaço de reflexão sobre as possibilidades contemporâneas da linguagem cinematográfica, mas não só. Grande parte do público do Pingado é de designers, escritores, produtores culturais, alunos, professores, artistas interessados em trocar experiências sobre as possibilidades de associações de imagens na contemporaneidade. A linguagem do cinema, que tem como marca registrada uma incessante efervescência técnica, desempenha papel insubstituível na exploração de associações entre imagens e emoções (CARRIÈRE, 1995), influencia as artes próximas e mesmo nossa conduta pessoal porque é, em sua essência, uma “série de fotografias encadeadas por nossos olhos, o que introduz movimento nessa sequência de unidades imóveis” (CARRIÈRE, 1995, p. 43).





A ideia de organizar um “bloco de curtas” e exibi-los em uma série específica é um exercício de associação que parte deste princípio, assim como cada segundo ou terceiro filme de um mesmo realizador é um novo processo desaprender e reaprender. Foi possível acompanhar nesses dois anos a trajetória de alguns realizadores que deixavam claro seus processos de apropriação da própria linguagem. Como exemplo, podemos lembrar de Ricardo Mansur, que se mostrou preocupado com a crítica em seu primeiro filme “Quinto Andar”, mas desaprende a ter medo em “Makimau”, ficção que narra como extraterrestres veem uma vila pela manhã sem a pretensão de lançar um grande filme.


Todo o processo de curadoria, sobretudo como seriam definidos os limites e transbordamentos de uma sessão específica, foi tão fundamental para o Pingado que era discutido e rediscutido nos encontros frequentemente. Esse exercício de jogar “quebra-cabeça” foi fundamental para o Cineclube entender sua responsabilidade enquanto exibidor. Decidir o que e, principalmente, como as sessões seriam apresentadas potencializou a crítica à exibição e distribuição de filmes nacionais, ao mesmo tempo em que se percebeu que o Cineclube não poderia nunca ter um formato “acabado”. Pelo contrário, cada sessão era uma nova possibilidade de se colocar mais conscientemente como exibidor.

A presença constante de realizadores no Cineclube trouxe uma das tarefas das mais delicadas para os integrantes: a mediação dos debates. Mais uma vez, a prática em cada sessão possibilitou muitas formas de se colocar como exibidor. Como é de praxe nos cineclubes, após a sessão, ocorria o debate. No início, perguntas eram formuladas caso fosse necessário manter o fluxo do espaço e a participação de todos. Alguns debates foram sisudos e contavam apenas com a informalidade do bar para relaxar as tensões de uma discussão pré-programada.

Depois de muita conversa, percebemos que duas atitudes não eram mais necessárias: a primeira delas era explicar o que era o Pingado Cineclube, já que o projeto deveria ser capaz de falar sobre si; e a segunda, incitar o debate, pois a sessão deveria ser potente o suficiente a ponto de não precisar de explicações. Essas decisões fortaleceram a curadoria e amadureceram o Cineclube enquanto exibidor.

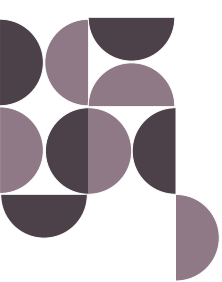


O momento antes do debate era tenso para os participantes, pois o sucesso da conversa estava centralizado em mediar uma aproximação de pessoas que não necessariamente se conheciam. Depois, essa aproximação era feita mais sutilmente, permitindo que os pequenos grupos se formassem no ambiente descontraído do Bar da Bambina, após a exibição da sessão. Naturalmente, a conversa sobre um ou outro filme começava e sempre que possível aos integrantes do Pingado juntar esses grupos e, se fosse o caso, uma roda era formada. Essa estratégia se mostrou muito mais fluída e, entre uma cerveja e outra, a troca entre o público passou a ser mais verdadeira e relaxada.




Desse modo, o Pingado conseguiu instaurar um ambiente de troca real. Sem regras determinadas ou modos escolares, como a organização das cadeiras, o acolhimento aos filmes e aos seus realizadores se tornava visível para o público. Foi nesse momento que os integrantes tiveram consciência da potência do cineclube.

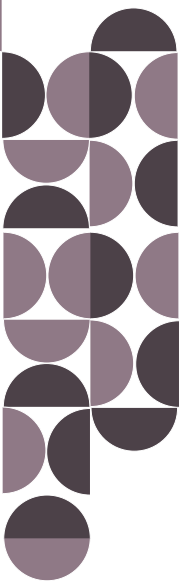
Ao longo de toda a construção e execução do cineclube, “levantar bandeiras” foi uma questão recorrente, sobretudo após as sessões “Pintosa”, “Minas”, “Desobediência civil” e “Coletivo *Gastación*”, que foram assumidamente políticas. Para uma parte dos integrantes, o Pingado deveria tratar de cinema, apresentando novas possibilidades de linguagem através de uma curadoria cada vez mais questionadora, debatendo meios de exibição e proporcionando a troca entre realizadores e público. A outra parte entendia que isso era a base para uma investigação de como a produção de curtas se posicionava diante daquele momento histórico. Ambos concordavam que o Cineclube deveria se assumir como ponto de encontro de dúvidas e angústias, pois esse era o único debate possível. No entanto, a questão era definir os limites em que o projeto deveria se posicionar declaradamente.



Os acontecimentos políticos no cenário nacional em 2016 - principalmente o golpe de Estado que remove a Presidenta eleita Dilma Rousseff, membra do Partido dos Trabalhadores, PT, do poder e empossa seu vice representante do Partido do Movimento Democrático Brasileiro, PMDB, por meio de manobras políticas controversas e a eleição de um prefeito bispo de uma igreja que segue a vertente neopentecostal na cidade do Rio de Janeiro - requisitavam, na concepção da equipe do Cineclube, além de questionamentos, um posicionamento.




Neste ano, enquanto o Pingado realizava suas sessões, muitas escolas estaduais foram ocupadas por estudantes secundaristas, principalmente no Rio de Janeiro, São Paulo e Santa Catarina assim como a sede do Ministério da Cultura, no Rio de Janeiro. Outras tantas manifestações da direita e da esquerda tomaram o país. Também ocorreram outras ações críticas ao conservadorismo, como passeatas contra estupro, beijaços contra chacina de homossexuais, protestos diversos contra casos de racismos, etc. Para alguns integrantes, o cineclube deveria se concentrar na produção audiovisual e em suas possíveis janelas de exibição. Para outros, era impossível que o projeto permanecesse focado apenas na exibição de curtas sem relacionar esta produção à realidade política atual; desejar a neutralidade em um cenário como este poderia ser interpretado pelo público como apatia.



O Pingado exalava uma postura de enfrentamento ao conservadorismo ao exercitar, em cada sessão, a prática de propiciar encontros às pessoas fora dos padrões normativos, pois seus integrantes, cada um a seu modo, refletiam corporalmente formas pouco convencionais de estar no mundo. Essa mistura tornava possível, por exemplo, construir em conjunto uma educação estética ao unir curtas vindos de referências tão distintas quanto os corpos que ali circulavam o que propiciava pontos de vistas diferentes em uma mesma sessão.

O ambiente era agradável e informal, era gostoso de ver que a equipe curatorial era formada por uma pluralidade de corpos, mentes e gêneros. Era muito bom ver pessoas brancas, pretas, homossexuais pretos, meninas lésbicas organizando. Não eram os habituais homens brancos decidindo os filmes que a gente ia ver. Era um ambiente de muita troca, o fato de vender bebidas alcoólicas também propiciava uma certa descontração, era um ambiente muito amistoso. (E4B) (MORAES, 2017)



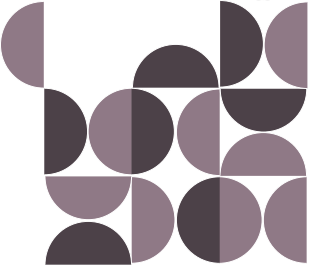
Para dimensionar melhor a importância de espaço real e seguro de troca entre jovens com a necessidade de utilizar o audiovisual para tentar compreender a vida contemporânea, é importante voltar na história do cineclube no Brasil. Muitas gerações foram influenciadas pelo cineclubismo sendo uma das principais marcas da cultura nacional a partir dos anos de 1950, contribuindo diretamente para a renovação no teatro, importantes inovações na música popular e o aparecimento do Cinema Novo.

Nos anos 1970, havia um forte movimento cineclubista politicamente engajado e resistente à ditadura militar. Em 1973, foi lançado um documento pelo Conselho Nacional de Cineclubes – CNC, que balizava as ações dos cineclubes brasileiros até a volta da democracia, marcando ao se aproximarem dos sindicatos, partidos clandestinos e o movimento estudantil. Com o início da abertura política, o cineclube perde força, pois já não era necessária uma conscientização política através do cinema.

O movimento volta a se tornar potente somente com a reativação do CNC após a Secretaria de Audiovisual, do Ministério da Cultura, realizar, em 2003, a 24ª Jornada de Cineclubes no Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. O então Secretário do Audiovisual e também cineasta, Orlando Sena, declarou em depoimento que “o cineclube é a maneira mais ativa, coletiva e permanente de acúmulo da cultura cinematográfica”. (GUSMÃO, 2008, p. 9)

Constatou-se, então que a ação educativa desses clubes, associada a uma rede de socialização mais ampla, constitui um cenário privilegiado de aprendizagem não-formal de cinema, de troca de saberes e informações, na qual assistir aos filmes remetia a um conjunto de práticas que incluía leitura, produção e discussão [...] legitimava certas maneiras de ver e fazer cinema que, por sua vez, participavam diretamente da produção de um sistema de preferências cujo domínio era fundamental naquele período. (GUSMÃO, 2008, p. 13)

E continua sendo: o ato de aglomerar pessoas inquietas e pensar coletivamente a contemporaneidade transformou o “ir ao cinema”, para as sessões do Pingado, em um manifesto político do afeto. O ato de estar no momento de debate após as exhibições foi fundamental para acolher cada pessoa ao seu modo e fomentar um pouco do afeto em cada um dos presentes capaz de modificar o dia seguinte - sempre uma segunda-feira. Tanto a vivência do grupo integrante do projeto todos os sábados, quanto as sessões mensais aos domingos se tornaram catalisadores desta troca.

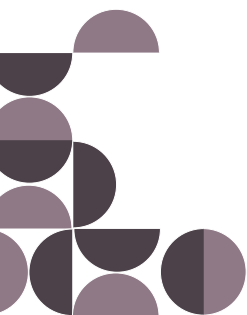


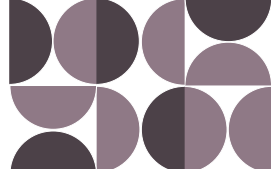
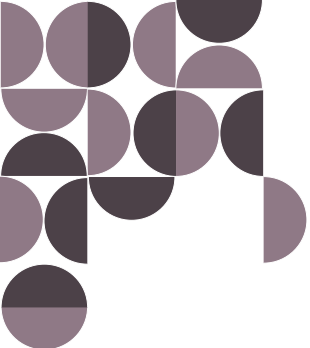
Não dá para se pensar o cineclubismo apenas dentro de um esquema teórico, é preciso vivenciá-lo para perceber os afetos destas relações que atravessam vários sentimentos. O vínculo que se cria entre as pessoas as conecta com o cinema e apresenta o fortalecimento da ação, capaz de manter a engrenagem. O espectador reage às possibilidades de interagir, participa do processo criando uma relação muito próxima e afetiva. (SILVA, 2012, p. 24)

Mesmo assim, para alguns integrantes, era fundamental ir além, o que tornava impossível o desejo pela neutralidade requisitado por outros. Logo, estava sempre em disputa como o projeto se auto definia. Por exemplo, foi debatido o uso do bordão “primeiramente #foratemer” na descrição dos eventos das sessões. A intenção de quem defendia o uso era marcar uma posição política e, ao mesmo, gerar identificação com público alvo do projeto. Os integrantes que não eram favoráveis em apresentar a sessão desta maneira acreditavam que o Pingado deveria estar aberto a qualquer pessoa interessada e que colocá-lo afastaria esse público em potencial. Depois de muito debate, foi definido que o bordão entraria, já que a maioria não estava disposta a enfrentar discursos diretamente opostos no debate das sessões. Quatro dos oito eventos começavam assim, até que, nas últimas três sessões, o termo foi deixado de lado, pois os mesmos integrantes que o defenderam no início identificaram que o bordão já não estava mais sendo útil à necessidade de eleições diretas.

De forma vívida, os debates nas reuniões e nas sessões foram fundamentais para tornar aquele ano intenso mais apazível. A sessão “Minas” é outro bom exemplo de manifestação que surgiu pela necessidade do momento: por meio das redes sociais, as mulheres estavam revendo opressões do patriarcado e precisavam estar juntas. Essa sessão teve um dos maiores públicos do Pingado, um grupo considerável de amigas e conhecidas transformou a sessão em um importante momento de autorreflexão.


Concomitantemente com os embates políticos, dentro do próprio grupo, os laços afetivos se fortaleciam, já que o projeto exigia praticamente quase todo o tempo livre dos integrantes. Muitas vezes, os temas das sessões ou as decisões sobre os caminhos do projeto foram definidos em um bar qualquer no bairro da Lapa. Quando mais tempo era dedicado ao projeto, mais forte era o grupo e também mais intensos se tornavam os atritos. Entretanto, as muitas conversas em torno da disputa entre se as-





sumir político ou não, por mais que tivessem o objetivo de determinar em conjunto um dentre os caminhos possíveis para se manter exibindo curtas, não foram capazes de pôr fim à questão. A história do Pingado Cineclubes termina quando as relações afetivas deste grupo heterogêneo se desgastam sem que fosse possível chegar a um consenso de como o projeto deveria permanecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Longe de significar um fracasso, o fim do projeto garantiu uma distância emocional impossível de existir durante sua realização. Isto permitiu observar os caminhos trilhados em um processo de dois anos estável o suficiente para inspirar respeito. O Pingado Cineclubes foi responsável pelo crescimento profissional, artístico e pessoal de oito pessoas diretamente envolvidas em sua produção, sendo capaz de atingir outras duzentas e três apenas no ano de 2016. Com ele, se consolidou a prática de aprendizado em conjunto a partir de erros, acertos, medos e potências capazes transbordar novas formas de se estar no mundo.

Essa percepção atrelou o trabalho da curadoria à responsabilidade com o aprimorando estético capaz de restringir cada vez mais a interferência de referências audiovisuais norte-americanas e de narrativas clássicas do cinema responsáveis pela homogeneização de conteúdos audiovisuais. Foi exercendo o hábito de assistir a curtas-metragens que a equipe do Pingado compreendeu a limitação de recursos financeiros e técnicos justamente como a potência de muitos dos filmes exibidos. A descoberta do valor da exibição de um curta em uma sessão para os filmes futuros de um mesmo realizador audiovisual também caracterizou um feliz aprendizado adquirido por meio da prática ao longo dos dois anos de existência do projeto. Ou seja, percebeu-se como uma sessão permitia que um filme impulsionasse as qualidades de seu sucessor, já que todos tinham a característica de se apropriar de uma linguagem própria na busca de solidificar seus conteúdos.

Cada sessão completava o papel de proporcionar fim ao ciclo de vida de filmes pouco vistos. Aos poucos, o projeto foi adquirindo experiência e responsabilidade em cumprir mensalmente um ato de resistência frente ao monopólio de empresas exibidoras, ato este potente o suficiente para permitir encontros entre quem faz e quem assiste ao audiovisual e debater questões urgentes da contemporaneidade, razão pela qual todos saíam de casa em um domingo para assistir aos filmes. Assim, o processo de desaprender as linguagens normativas e aprender a ver as potências dos curtas que dificilmente seriam assistidos em outros lugares, algo iniciado no processo de curadoria, se completava com a troca entre realizadores, público e integrantes do Cineclube ao fim de cada sessão. Proporcionar esses encontros pela cidade, muitas vezes sem verba e fora do ambiente confortável de uma escola equipada e capaz de dar qualquer suporte necessário, foi fundamental para o Pingado Cineclube aprender a se posicionar e compreender que qualquer ato é ato político.



Integrantes do Pingado Cineclube

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

DA SILVA, Veruska Anacira Santos. Cinema e cineclubismo como processo de significação social. **Domínios da imagem**, Londrina, v. II, n. 4, p. 137-148, mai. 2009.

DELLANI, Lima; IKEDA, Marcelo (orgs). **Cinema de garagem: panorama da produção brasileira independente do novo**. Rio de Janeiro: WSET Multimídia, 2012.

FILÉ, Valter. **Práticas comunicacionais mediadas pela linguagem audiovisual em pequenos grupos**. GT - Educação e comunicação, nº. 16. Disponível em: https://twiki.ufba.br/twiki/pub/GEC/TrabalhoAno2003/pratica_comunicacionais.pdf. Acesso em: 25 ago. 2017.

FRESQUET, Adriana (org.). **Imagens do desaprender**. Rio de Janeiro: Booklink; CINAD-LISE-FE/UFRJ, 2007.

GUSMÃO, Milena Silveira. **O desenvolvimento do cinema: algumas considerações sobre o papel dos cineclubes na formação cultural**. Anais do IV ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura. Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador, 2008.

SILVA, Priscilla Duarte da, Circuito **Cineclubes**: trânsitos audiovisuais. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

Endereço eletrônico. Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual, ANCI-NE. Disponível em: <http://www.filmeb.com.br/estatisticas/evolucao-do-mercado>. Acesso em: 12 ago. 2017.

Endereço eletrônico. Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual, ANCI-NE. Disponível em: <https://oca.ancine.gov.br/cinema>. Acesso em: 12 ago. 2017.

